

RAFAEL ELARRAT

**Mais do que você
imagina**
Romance

**Belém-PA
2020**

Ao meu amigo **Hádrio Lamas** (*in memoriam*), pois sinto
que este é o livro que nós deveríamos ter escrito juntos.

A maturidade começa a manifestar-se quando
sentimos que nossa preocupação é maior pelos
demais que por nós mesmos.

Albert Einstein.

PARTE UM

-Recomeço-

Odeio James Blunt. Posso estar no lugar mais improvável para curtir uma dor de cotovelo, mas sempre que ouço aquela voz aguda dele, sinto como se meu espírito afundasse pesadamente numa lama densa e fedorenta, como aquelas que a gente vê nos manguezais. As músicas dele são lindas, isso é algo indiscutível. Meu eu interior é que anda mais feio que um ogro virado do avesso.

O piloto anuncia que em cinco minutos iniciaremos o pouco e eu tento me distrair olhando as nuvens, tentando não ouvir a ladainha de *Same Mistake* que a garota ao meu lado, que usa fones de ouvido, insiste em escutar no último volume só para me torturar ainda mais.

Quando decidi ir embora de São Paulo, achei que seria a decisão mais corajosa e audaciosa de toda a minha vida. Ali, entretanto, ao ver os primeiros relances daquela cidade que seria meu lar, de agora em diante, sentia como se pequeninas borboletas batessem as asas dentro de meu estômago, brigando para ver quem conseguiria pôr meu café da manhã para fora mais rápido.

Eu nunca tinha ido a Belém, mas tinha um tio muito querido que morava lá há dez anos. Segundo ele, o calor intenso e a chuva diária só serviam para tornar a *Metrópole da Amazônica* ainda mais acolhedora aos visitantes. Eu nem quis ouvir com atenção. Só queria sair de São Paulo.

Eu tinha 27 anos. Recém completados, para ser mais exato. E tinha vivido acreditando no lado romântico da vida e que todos os meus amigos estariam do meu

lado, acontecesse o que acontecesse. Eu, é claro, estava muito errado.

Tinha um emprego bom, um apartamento financiado que era o meu maior orgulho, amigos incríveis que topavam qualquer coisa e uma namorada que aceitou se casar comigo, depois de um fim de semana tórrido de muito amor, que havíamos passado em Santos, numa pousada que me fora indicada por ninguém menos que o ex-namorado dela, de quem eu estranhamente havia ficado amigo.

Os últimos meses podiam ser resumidos numa única palavra: casamento. Convites, fotografos, cerimonial, convidados, igreja, absolutamente tudo tinha mais importância do que qualquer outra coisa que teimasse em existir em nossa vida juntos. A viagem de lua de mel já havia sido paga há dois meses. E tudo seria exatamente como ela sonhava: no mesmo resort mexicano em que a personagem de Sarah Jéssica Parker se hospedara no filme *Sex and the city*, uma verdadeira obsessão na vida de Karen, minha ex-futura esposa.

Tudo terminado como nos filmes da Disney, não fosse por um porém: não houve casamento. Todos os duzentos e cinquenta convidados (mais da metade eram pessoas que só ela conhecia), eu engratado feito um pinguim (odeio gravatas!), meus pais, os pais dela e todos os nossos amigos estavam lá. Eu suava muito, mas estava feliz pelo grande dia ter chegado. Mas ela não veio. Quando o atraso simples e normal se transformou numa eternidade, procurei pelo celular no bolso interno do fraque e lá estava uma mensagem de texto, curta e grossa. Dizia simplesmente:

Não posso fazer isso. Por favor, me perdoe.

É claro que eu não a perdoei. Aliás, sequer atendi aos milhares de telefonemas dela depois do acontecido. Saí do meu emprego e me afastei de todos que eu conhecia por três semanas. Tudo até surgir a ideia de me mandar dali. Fugir, se você quiser mais sinceridade. Transferi meu apartamento, vendi meu carro e me livrei de tudo o que me lembrasse ela ou qualquer momento que nós tivéssemos passado juntos. Juntei um dinheiro razoável que, somado ao que eu tinha guardado no banco (sim, o casamento não havia me levado à falência), serviria para eu recomeçar minha vida longe daquele turbilhão de sentimentos que minha triste existência havia se transformado.

Meu tio me ajudara a alugar um apartamento num bairro bom da cidade. Ficava perto da praça Batista Campos, um dos melhores lugares para se viver. Perto de supermercados, farmácias e até um shopping. Tudo o que eu precisava para manter minha cabeça afastada de qualquer lembrança. Eu só tinha visto umas fotos do imóvel, mas faria o impossível para transformá-lo no meu lar doce lar, bem rapidamente.

O avião tocou o solo e fez um barulho tão alto que me puxou de volta à realidade. Era uma linda manhã de sábado. O céu estava muito azul e não se via uma única nuvem no céu. Já no aeroporto, esperei por minhas duas malas e saí pelo saguão atrás de um rosto conhecido.

— Miguel! — Gritou meu tio, ao longe.

Eu lhe acenei com a mão direita, mas ele não se conteve e puxou a mureta que separava os recém-chegados daqueles que os aguardavam e correu em minha direção. Quando me abraçou, senti duas ou três costelas minhas trincarem. Meu tio Jonas era o irmão

mais velho de minha mãe, Ariana. Era alto e muito, muito gordo. Seus bigodes eram tão grandes, que meus sobrinhos o chamavam de *Leôncio*, a personagem que é infernizada pelo Pica-pau, no desenho.

— Não se preocupe com nada, meu filho! — Disse ele, me soltando e permitindo que o ar voltasse a entrar e a sair dos meus pulmões. — Aqui você vai recomeçar sua vida em grande estilo. Vamos andar pela cidade, beber até cair e você logo vai perceber que as mulheres paraenses são lindas e...

Ele seguiu falando até chegarmos ao carro. E durante todo o trajeto até o apartamento. E quando entramos no elevador. E durante os quinze minutos intermináveis que ficou procurando pela chave nos muitos bolsos de sua calça. Mas eu nada ouvia. Até meus pensamentos mais distantes só pensavam numa coisa: em Karen.

Quando ele finalmente se foi, eu consegui finalmente dar uma boa olhada no imóvel. Era pequeno, de dois quartos, mas com uma sala bem ventilada, com boa iluminação e ampla. Havia poucos móveis. Eu lhe pedira para comprar uma geladeira, um fogão e uma cama. O resto, eu compraria devagar com o passar das semanas. Mas ele, que era uma espécie de tio/pai que eu tinha, me comprara um sofá, uma televisão de plasma (que já estava devidamente presa à parede da sala) e até uma mesinha de centro. Fui até a janela e vi que a vista era bem bonita. Eu sempre gostei de árvores, mas a tal praça Batista Campos era como uma poesia de Gonçalves Dias: a perfeição da natureza diante de nossos olhos. Havia muitas pessoas indo e vindo, crianças corriam, andavam

de bicicleta e casais caminhavam de mãos dadas, sem se preocupar com mais nada. E eu, bobão, comecei a chorar.

Como tinha paixão por porta-retratos, trouxe todos os que mais gostava de meu antigo apartamento. Infelizmente, quase todos tinham a foto de Karen, então só os objetos, sem foto nenhuma, foram parar sobre um balcão pequeno que meu tio havia posto no corredor entre a sala e a cozinha. Mas havia um, com a foto dos meus pais e de minha irmã mais velha, que eu fiz questão de pôr no centro. Sentiria saudades deles, mas precisava dar um jeito na minha vida.

Coloquei uma das malas sobre a cama e a abri. Havia muita coisa para arrumar e eu precisava manter a cabeça ocupada. No meio de uma puxada para liberar um suéter que eu certamente nunca usaria em Belém do Pará, meu celular começou a tocar. O nome que piscava no visor logo me avisou que era alguém indesejado.

— O que é? — Perguntei.

— *Credo, Miguel.* — Disse João Pedro, um amigo de São Paulo. — *Estamos aqui na casa da Ana e lembramos de você. Como estão as coisas por aí?*

— Eu acabei de chegar. Nem desfiz as malas.

— *A Karen veio aqui ontem e disse que...*

Desliguei. De nada adiantaram as trinta e cinco vezes que eu havia repetido a frase NÃO QUERO SABER DA KAREN para os meus amigos. Eles sempre insistiam em querer me dar notícias dela. Definitivamente, eu precisava de amigos novos também.

O celular voltou a tocar. Eu o peguei, mas não atendi. Ignorei a chamada e digitei uma mensagem.

João, por favor. Nós dois sabemos que minha vida está de cabeça para baixo. Preciso tentar consertar

*tudo. Não me ligue mais, principalmente se
for para dar notícias da Karen.*

Como não houve resposta, calculei que ele havia entendido o que eu queria: PAZ. Sossego, descanso, uma trégua, eu nem sabia que nome tinha, mas eu precisava disso imediatamente.

Acabei indo parar debaixo do chuveiro, de onde só saí quase uma hora depois, enrolado numa toalha gigantesca. Acabei parando em frente a um espelho imenso que eu tinha visto ao chegar. Eu tinha um corpo legal. Não era musculoso, mas também não era magro demais. Simplesmente não tinha tendência nenhuma a engordar e me sentia bem com isso. Os cabelos castanhos, os olhos verdes, a pele clara, herdada da família de meu pai, que era do Rio Grande do Sul. E ainda tinha a barba, que eu cultivava há anos. Às vezes, quando me encarava assim, diante do espelho, sentia como se vivesse a vida de outra pessoa, ao invés da minha.

Atirei-me num canto e chorei mais um pouco.

Karen e eu nos conhecemos há três anos, quando eu passava por uma fase de “rebeldia tardia” (nunca tinha percebido na rima que existe nessa expressão!), segundo minha própria mãe costumava chamar. Eu, que nunca ingeria álcool e nem fumava, resolvera dar mais valor à vida depois de quase morrer, vítima de uma apendicite que me ocorrera durante uma viagem entre amigos, para comemorarmos nossa formatura. Entre as proezas da minha nova fase, João Pedro e eu decidimos que precisávamos fazer duas coisas antes dos vinte e cinco anos: saltar de paraquedas e de Bungee Jump.

Fim de semana longe da casa dos pais. O último de folga antes de começar a trabalhar. Enfim, tinha que dar tudo certo. Na viagem para a cidade do interior onde tudo aconteceria, conhecemos umas pessoas de São José dos Campos, que estavam indo para o mesmo lugar: Boituva. Não lembro de ninguém especificamente, a não ser da linda morena de olhos castanhos, que não tirou os olhos de mim durante todo o trajeto.

Quando chegamos ao tal clube de paraquedismo, metade das pessoas corajosas desistiram. Mas João e Pedro e eu não. Continuávamos impagáveis na vontade de sentir o vento em nossos rostos e a liberdade de uma queda livre a doze mil pés de altura.

Primeiro, tivemos a assistir a um treinamento relâmpago de como nos comportar no avião e na descida, mesmo que cada um de nós descesse com um instrutor, era preciso estar atento aos mínimos detalhes. Uma hora depois, lá estávamos nós, decolando rumo ao

céu mais azul que eu já tinha visto em minha vida. Era maravilhoso avistar os campos de Boituva lá do alto. Era um daqueles momentos em que é possível ter uma ideia da perfeição divina e do quanto somos pequeninos diante de Deus.

— Está com medo? — Perguntou a mesma morena que viera ao meu lado na viagem.

— Não. — Respondi, com segurança na voz. — Acho que esperei por um momento assim a vida toda.

Ela riu.

— Que foi?

— Você fala se tivesse cinquenta anos.

— Não. — Eu disse, sorrindo. — Tenho vinte e quatro.

— Eu também. Sou Karen.

— Miguel.

— Nome de anjo — Disse ela, sorrindo abertamente — Gostei!

Quem tinha gostado era eu. Agora eu tinha mais um motivo para não dar vexame na queda. Não fazer feio diante da maior gata que já tinha conhecido. Ela também iria saltar e com certeza, daria uma olhada em mim durante a viagem.

Quando as portas do avião se abriram, o vento chicoteou meu rosto com violência. Não vou mentir, mas faltou pouco para que eu desistisse daquela loucura. Pensei no que aconteceria se eu morresse ali e alguém ligasse para dar a notícia aos meus pais. Logo eles, que acreditavam fielmente que eu estava num retiro da igreja. O instrutor que me acompanharia fez sinal e eu confirmei com a cabeça. As minhas costas estavam mais

cinco pessoas, Karen entre elas. Fomos até a beirada e pulamos.

Posso dizer sem medo de exagerar que foi um dos melhores momentos de toda a minha vida. O vento soprava tão forte, que eu mal conseguia mover os músculos do rosto. Assim mesmo, gritei o máximo que pude e abri os braços, sem medo de ser feliz. Até esqueci de procurar por João Pedro ou Karen, que também já deveriam ter pulado. A parte ruim foi quando o paraquedas finalmente abriu. Senti como se todas as minhas vísceras fossem puxadas covardemente para cima e isso quase me fez vomitar coisas que eu nem mesmo havia comido.

— Tudo bem com você? — Perguntou o instrutor.

— Tô ótimo! — Berrei o mais forte que pude.

Quando chegamos ao chão, todo o mal-estar inicial se multiplicou. Minha cabeça rodou e eu nem mesmo consegui ficar de pé. Assim mesmo, fiquei imóvel, contemplando o céu azul, quase sem nuvens. Perdido em meio a minha respiração ofegante, vi quando um vulto se aproximou.

— Não se preocupe... É normal sentir isso na primeira vez.

As curvas de Karen logo entraram em foco e não pude evitar deixar escapar um sorriso. Ela se ajoelhou no momento em que meu instrutor e eu nos separamos e me deu um beijo.

— Da próxima vez... — Disse ela, em meu ouvido.

— A gente pula junto. Você e eu.

Passamos o fim de semana inteira juntos. Fomos à festas, caminhamos pelo campo e até dormimos em sacos de acampar, no meio da natureza. Eu tive a